

CONSOLADOR

Comunidade Espírita Cristã

ANO 9 • Nº 34 • ABRIL/MAIO/JUNHO DE 2014

Distribuição gratuita

EDITORIAL

Por que casa espírita?

“C entro”, “casa” ou “lar” espírita, denominação comum do local onde nos reunimos para estudo, meditação e prática dos princípios espíritas, tanto os revelados no século XIX, na França, e reunidos nos livros da codificação por Allan Kardec, quanto os complementos desta revelação, canalizados da esfera extrafísica para a Terra, por vários médiuns reveladores, entre eles Francisco Cândido Xavier, no século XX.

Chamamos de centro Espírita porque Kardec deixou claro que na acepção tradicional da palavra, o Espiritismo não é uma religião: faltam-lhe para isso, ritos, dogmas, sacerdotes e templos.

O Espiritismo é uma doutrina que se apresenta sob um tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso dos quais emanam consequências morais acerca do espírito humano que objetivam o seu progresso. Por que as pessoas procuram o centro espírita? Dois são os principais motivos: pela dor física e moral ou em busca de respostas claras e completas que não encontram nas religiões tradicionais. O mais comum é motivado pela dor moral, que nos últimos tempos tem assolado nosso planeta, de hemisfério a hemisfério. O Espiritismo sendo o Consolador prometido por Jesus, traz a luz da esperança, explica a causa do sofrimento moral, mostra como evitá-lo e como se comportar

A casa espírita é esse lar que abriga, consola, ensina e induz ao auto-aperfeiçoamento.

diante dele. Revive os ensinamentos do Mestre Divino ante os sofredores, dando-lhes alívio, bom ânimo, fortaleza moral e renovação. Quanto à busca do conhecimento, André Luiz no livro “Obreiros da Vida Eterna” ensina: “O dogma, considerado imparcialmente, constitui desafio e castigo simultâneos. Desafio à inteligência investigadora e construtiva, e castigo para as mentes ociosas que renunciam levemente ao dom de pensar e decidir por si mesmas as questões sagradas do destino”.

Caibar Shutel ao ler o Livro dos Espíritos pela primeira vez, converteu-se ao Espiritismo, declarando: “Um monumento de lógica deu a mim respostas às dúvidas que se acumularam durante o tempo em que era outra a minha crença religiosa”. Bezerra de Menezes ganhou de presente um livro da primeira edição de “O Livro dos Espíritos” e durante o trajeto que fez, de bonde, do Centro do Rio ao bairro da Tijuca (uma hora naquela época), abriu o livro para distrair-se e sentiu-se logo atraído por seu conteúdo, como se despertassem em seu íntimo conceitos filosóficos adormecidos e declara: “Eu era espírita inconsciente”.

Se perguntarmos a um órfão, desprotegido, o que ele mais anela nesse mundo, ele dirá, sem dúvida: um lar. A casa espírita é esse lar que abriga, consola, ensina e induz ao auto-aperfeiçoamento. Aos que a procuram, o Consolador Comunidade Espírita Cristã convida você a fazer parte de sua família.

150 ANOS DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Considerações sobre a importância do Evangelho Segundo o Espiritismo na obra da Codificação

1) Os ensinamentos de Jesus contidos no seu Evangelho são lições baseadas nas leis divinas, que são leis universais, sendo que as de ordem moral dizem respeito ao homem em si mesmo, bem como às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Daí ter Jesus resumido os seus ensinamentos morais no grande princípio: “Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo”. Esta é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo (ESE, Cap. XI).

2) Tendo em vista que não se pode dissociar o Espiritismo do Cristianismo, já que Jesus é o nosso guia e modelo (LE 625), temos que necessariamente tomar por base os seus ensinamentos, contidos no Evangelho Segundo o Espiritismo, como sendo o código de conduta a ser aplicado nas nossas relações com os nossos semelhantes, código esse que tem por fundamento a

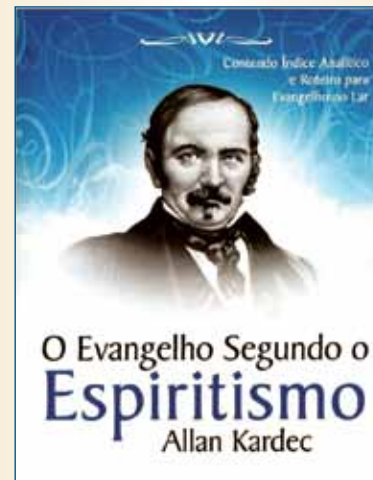
caridade (LE 886 e ESE, cap. XV).

3) Somente através do exercício da caridade é que se consegue desenvolver o sentimento do verdadeiro amor ao próximo, sendo esta a condição necessária para se cumprir de fato o preceito cristão: “Amar o próximo como a si mesmo”. O exercício da caridade consiste em cada um exercitar, nas

suas relações com o próximo, determinadas virtudes como, por exemplo: a paciência, a humildade, a compreensão, a compaixão e a tolerância. Trata-se aqui da caridade moral que, por ser mais difícil, requer esforços para se pôr em prática.

4) Conforme explicação de Kardec, a caridade é a primeira de todas as virtudes porque abrange implicitamente todas as outras (ESE, cap. XV - item 3). Este foi o motivo que levou Kardec a tomar a palavra caridade por divisa do Espiritismo, estabelecendo a máxima: “Fora da caridade não há salvação”. Isto significa que somente através do exercício da caridade é que se

...continua na página 02



AINDA NESTA EDIÇÃO

Biografia	página 02
Do Misticismo à Pura Moral Evangélica	página 03
Canto da Poesia	página 03
Médiuns Notáveis	página 04

remos salvos dos males gerados pelas nossas imperfeições morais, os quais nos infelicitam em nossa caminhada evolutiva, impedindo a nossa libertação do ciclo de expiações e provas.

5) No Evangelho Segundo o Espiritismo estão contidos todos os princípios fundamentais do Espiritismo, com a vantagem de estarem acrescidos dos ensinamentos do Cristo interpretados em espírito e verdade, donde se conclui que O Evangelho Segundo o Espiritismo veio para consolidar o papel do Espiritismo como o Consolador Prometido (ESE, cap. VI - item 3 e 4).

6) O objetivo do Evangelho Segundo o Espiritismo é o de servir de guia seguro destinado a nos orientar na busca do nosso aperfeiçoamento moral, mediante a prática dos ensinamentos nele

contidos, conforme se depreende da explicação de Kardec (ESE - Introdução).

7) Considerando-se de modo geral, O Evangelho Segundo o Espiritismo tem por objetivo a educação moral do homem, numa perspectiva abrangendo a vida atual e a vida futura. Mesmo porque, como obra de educação, o Espiritismo é obra do Cristo, que preside à regeneração que se opera na Humanidade, com vistas à implantação do reino de Deus na face da Terra, onde o bem passará a reinar, conforme explicação de Kardec (ESE, cap. I - item 7).

Daí a importância do Evangelho do Cristo interpretado em espírito e verdade, ou seja, O Evangelho Segundo o Espiritismo, especialmente na atual fase de transição pela qual estamos passando.

José Marques Mesquita

BIOGRAFIA

BATUÍRA

O senhor Apolo Oliva Filho, desencarnado em 2012, dedicou grande parte de sua vida ao Espiritismo. Sob a orientação de Chico Xavier, foi um dos fundadores do Grupo Espírita Batuíra na cidade de São Paulo. Baseamos no texto de sua autoria a biografia do insigne Batuíra, espírito ligado à história de Portugal e à colonização do Brasil, em passadas existências, e um dos quatro pilares da implantação e divulgação do Espiritismo em nossa pátria. Contemporâneo de Bezerra de Menezes, Batuíra exerceu seu apostolado em São Paulo.

Seguindo-se a eles, Cairbar Schutel que atuou em Matão, no interior do estado; e Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento, Triângulo Mineiro.

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA "BATUÍRA", nasceu em remota aldeia de Portugal, em 1839. Aos onze anos, imigrou para o Brasil, vivendo três anos no Rio de Janeiro, transferindo-se depois para Campinas, na então província de São Paulo, onde trabalhou por alguns anos na lavoura.

Mais tarde, fixou residência na Capital bandeirante, dedicando-se à venda de jornais. Naquela época, São Paulo era

uma cidade de 30 mil habitantes. Ele entregava os jornais de casa em casa, conquistando nessa profissão a simpatia e a amizade dos seus fregueses. Muito ativo, correndo daqui para acolá, a gente da rua o apelidava de "BATUÍRA", nome dado à narceja, ave pernalta, muito ligeira, e que frequenta regiões lacustres.

Convivendo com os acadêmicos de Direito do Largo de São Francisco, passou a dedicar-se à arte teatral: montou pequeno teatro à Rua Cruz Preta, depois denominada Senador Quintino Bocaiuva. Quando aparecia em cena, BATUÍRA era aplaudido e os estudan-

tes lhe dedicavam versos jocosos, aliando-os à alegria que transmitia às pessoas. Àquela altura da sua vida passou a fabricar charutos, o que fez prosperar as suas finanças, e lhe propiciou adquirir diversos lotes de terrenos no Lavapés, onde construiu sua residência e, ao lado, uma rua particular de casas que alugava aos humildes e que hoje se chama Rua Espírita. A Rua Lavapés deu seu nome às proximidades e incluiu-se no bairro da Liberdade, contíguo ao centro da cidade.

De espírito humanitário e idealista, aderiu, desde logo, à Campanha Abolicionista, trabalhando denodadamente ao lado de Luiz Gama e de Antônio Bento. Em sua casa abrigava os escravos foragidos e só os deixava sair com a Carta de Alforria.

Despertado pela Doutrina Espírita, exemplificou no mais alto grau os ensinamentos cristãos: praticava a caridade em toda sua extensão: consolava os aflitos, tratava os doentes com a Homeopatia e difundia os princípios espíritas. Fundou o jornal "Verdade e Luz", em 25 de maio de 1890, que chegou a ter uma tiragem de cinco mil exemplares.

De abastado que era, abriu mão dos seus bens em favor dos necessitados. A sua casa, no Lavapés, era ao mesmo tempo hospital, farmácia, albergue, escola e asilo. Ele a doou para sede da Instituição Beneficente "Verdade e Luz". Nunca deixou de

recolher e hospedar os doentes e os desamparados, infundindo-lhes a fé necessária para poderem suportar suas provas terrenas. Quem chegasse à sua casa, fosse quem fosse, tinha cama, mesa e cobertor.

De seus dois casamentos teve dois filhos. O segundo desencarnou aos doze anos produzindo-lhe grande dor moral. No entanto, Batuíra era pai de quase toda gente. Exemplo disso foi o Zeca, que Batuíra recebeu com poucos meses e criou como seu filho adotivo, o qual se tornou continuador da sua obra na instituição beneficente que ele fundara.



Eis alguns traços da personalidade de Batuíra pela pena do festejado escritor Afonso Schmidt: "Em 1873, por ocasião da terrível epidemia de varíola que assolou a capital da Província, ele serviu de médico, de enfermeiro, de pai para os flagelados, deu-lhes não apenas o remédio e os desvelos, mas também o pão, o teto e o agasalho. Daí a popularidade de sua figura. Era baixo, entroncado e usava longas barbas que lhe cobriam o peito amplo. Com o tempo essa barba se fez branca e os amigos diziam

que ele era tão bom, que se parecia com o Imperador (Pedro II)".

Batuíra era tão popular que foi citado em obras como: "História e Tradições da Cidade de São Paulo", de Ernani Silva Bueno; "A Academia de São Paulo - Tradições e Reminiscências", de Almeida Nogueira; "A Cidade de São Paulo em 1900", de Alfredo Moreira Pinto. Vários escritores escreveram sobre ele, tanto leigos como espíritas.

Batuíra criou grupos espíritas em São Paulo, Minas Gerais, e também no estado do Rio; proferiu conferências espíritas por toda parte, e criou a Livraria e Editora Espírita, onde se fez impressor e tipógrafo.

Referindo-se ao seu desencarne, Afonso Schmidt escreveu: "Batuíra faleceu a 22 de Janeiro de 1909. São Paulo inteiro comoveu-se com o seu desaparecimento. Que idade tinha? Nem ele mesmo sabia. Mas o seu nome ficou por aí, como um clarão de bondade, de doçura, de delicadeza ao céu, dessas que se vão fazendo cada vez mais raras num mundo velho, sem porteira..."

Da Espiritualidade, Batuíra nos deu o livro "MAIS LUZ" - GEEM-1970, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, "dedicado especialmente aos lidadores da seara e da luz a que se consagrou na Terra", palavras de Emmanuel no prefácio.

Fonte: Internet. Grupo Espírita Batuíra - São Paulo SP

DO MISTICISMO À PURA MORAL EVANGÉLICA

Comemora-se neste ano o sesquicentenário da publicação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, a 3ª obra da codificação da Doutrina Espírita, elaborada por Allan Kardec. Procuremos compreender a magnitude desta data, examinando o comportamento religioso nos dois milênios de cristianismo.

Nas primeiras comunidades cristãs, a moral evangélica de Jesus era explanada e praticada com todo seu vigor e pureza, levando milhares de almas a alçar os planos superiores da espiritualidade. Depois dos primeiros séculos, contudo, começaram a surgir os dogmas elaborados por teólogos a serviço do poder Romano. Promulgados em concílios da Igreja e calcados nos interesses mesquinhos de seus dirigentes, tais dogmas fundiram-se às superstições e cultos oriundos dos povos pagãos, em detrimento da pura moral pregada por Jesus, usurpando seu lugar na prática cristã.

Na sequência dos séculos, vários emissários do Cristo vieram à Terra na tentativa de restaurar a moral cristã que chegou quase à nulidade nas mãos dos condutores seculares que se voltavam mais ao domínio dos povos, do mando e poder, do que à religião. As distorções, no entanto, continuavam: guerras fratricidas, invasões em nações pacíficas, até mesmo destruição de civilizações ocorreram em nome do Mestre Galileu que viera pregar a paz entre os homens em flagrante negação das mensagens que permaneciam sepultadas nos livros do Novo Testamento. Bastava aos infratores das leis divinas, sendo alguns deles extremamente cruéis, valerem-se do direito canônico e apelarem às promessas contidas nos dogmas criados pelos líderes religiosos, para serem absolvidos, com o direito de invadir os Céus, arvorando-se em eleitos de Deus.

Este estado de coisas permaneceu até os Tempos Modernos, quando, na Europa, os iluministas começaram a questionar a falta de racionalidade na

leitura e aplicação dos evangelhos pelos cristãos, em flagrante contradição com sua moral. A partir dessa distorção começou a grassar o materialismo que avançou contra os reais interesses humanos invadindo os séculos futuros.

Depois de dar ao mundo “O Livro dos Espíritos” seguido pelo “Livro dos Médiuns”, demonstrando a existência e imortalidade dos espíritos através da mediunidade, Kardec recebeu a incumbência do Espírito de Verdade para compilar e trazer à luz, mais uma vez, a verdadeira moral cristã. Pela prática de seus ensinamentos o empreendimento daria consolação e novas esperanças à humanidade sofredora. Teria por base os textos do Novo Testamento, notadamente dos quatro evangelistas.

tais dogmas fundiram-se às superstições e cultos oriundos dos povos pagãos, em detrimento da pura moral pregada por Jesus

Imbuído da importância da missão que lhe coubera, Kardec isolou-se do burburinho de Paris para elaborá-la, retirando e comentando os textos dos quatro evangelhos, colo-

cando ainda mensagens enviadas por entidades de alta envergadura espiritual, psicografadas por médiuns de diferentes países e localidades. O sucesso foi imediato, embora desagradasse aqueles que teimavam em retirar o caráter religioso do espiritismo, fixando-se apenas nos aspectos científico e filosófico. Sem o aspecto religioso, no entanto, o Espiritismo perde sua precípua finalidade que é a de conduzir o espírito à perfeição.

Nestes 150 anos, as sucessivas edições de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” tem salvado milhares de pessoas, retirando-as do desalento, do suicídio, da revanche, apaziguando-as e reconduzindo-as a atividades produtivas e sadias, mostrando-lhes as vantagens do perdão e realçando a maior

mensagem de Jesus, o “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Sua leitura tem produzido incalculáveis benefícios aos homens, ajudando-os a evoluir com menos conflitos e dores, incentivando-os a se melhorarem.

Os países latinos, principalmente os de língua espanhola e portuguesa

tem sido os maiores beneficiários desta obra, e o Brasil é o campeão, entre todos eles, com suas reedições elaboradas por vários tradutores. Agradecemos as falanges do Espírito de Verdade e a Kardec por terem-nos brindado com tão importante e sublime livro.

Gerson Sestini

CANTO DA POESIA

Aos Trabalhadores do Evangelho

Há uma falange de trabalhadores,
Espalhadas nas sendas do Infinito,
Desde as sombras do mundo, amargo e aflito
Aos espaços de eternos resplendores.

É a caravana de batalhadores
Que, no espaço do amor puro e bendito,
Rompe as algemas de trevas e egoísmo,
Aliviando os seres sofredores.

Vós que sois, sobre a Terra, os companheiros
Dessa falange lúcida de obreiros,
Guardai-lhe a sacrossanta claridade.

Não vos importe o espinho ingrato e acerbo,
Na palavra e nos atos, sede o Verbo
De afirmações da Luz e da Verdade.

Autor: Cruz e Souza

Do Livro Parnaso de Além Túmulo

Psicografia de Francisco Cândido Xavier

Expediente

CONSOLADOR
Comunidade Espírita Cristã

Publicação Trimestral do
Consolador - Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador.org

Presidente: José Corni
Vice-Presidentes: Sandra Aurora A. dos Santos, Sonia Silveira
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Gilbert Corni
Cartas para este jornal: Aos cuidados do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: jornal@consolador.org

MÉDIUNS NOTÁVEIS

ANA PRADO

1883 - 1923

Não se sabe ao certo se foi 1883 o ano em que reencarnou o espírito que ostentaria as mais notáveis faculdades mediúnicas de que se teve notícia em nosso continente, até as primeiras décadas do século que passou. Era mulher e recebeu o nome de Anna Rebello, amazonense de Parintins. Os fenômenos que ocorreram através de sua mediunidade chamaram a atenção dos espíritas, tanto no Brasil como do exterior, culminando nos testemunhos da obra "O Trabalho dos Mortos (O Livro de João)", de Nogueira de Faria, editado pela Federação Espírita Brasileira em 1921.

Antes mesmo que Ana nascesse, elementos de sua família, incluindo sua mãe, já haviam participado ativamente do movimento espírita em Manaus. Embora a jovem viesse a professar o catolicismo, ela vivera cercada de pessoas espíritas que favoreceram sua formação moral. Casou-se em 1901, com o cearense Eurípedes de Albuquerque Prado, comerciante, homem público e espírita. Viveram em Parintins, onde lhes nasceram quatro filhos, transferindo-se posteriormente para a capital paraense.

Conhecendo teoricamente os fenômenos das mesas girantes e não encontrando no meio espírita belemnense adesão para as experiências, Eurípedes optou por realizá-las em sua própria casa.

Refratária, Ana, não participava das reuniões realizadas pelo marido e os dois filhos mais velhos. Numa

tarde de domingo, não tendo como se esquivar dos apelos que lhe faziam, acabou concordando em participar das experiências. Os primeiros fenômenos registrados foram em torno da mesa, que apresentou estalidos e violentos abalos. Depois, foi a tiptologia (pancadas produzidas por espíritos), arremesso de objetos ao solo, transporte de uma flor do jardim para a mesa da casa.

Sua mediunidade começava a eclodir.

A esses fenômenos seguiram-se as materializações em plena obscuridade. Depois, eram membros esparsos, vultos que surgiam em luz fraca, perceptíveis pelo tato; alguns espíritos foram reconhecidos pelos parentes. As faculdades mediúnicas de Ana tiveram rápido desenvolvimento. Do interior do lar, os fenômenos alcançaram o domínio público, ultrapassando as fronteiras de nosso continente, sendo noticiados também na Europa.

João era o Espírito orientador da produção mediúnica de Ana. Tratava-se de seu tio materno, Felismino Olympio de Carvalho Rebello.

Anna Prado sofreu toda sorte de tribulações. Não deixou de pertencer ao martirólogo dos médiuns e que avançava pelo século 20. O preconceito da época a difamou, perseguiu, atacando-a de várias formas. Foi acusada publicamente de comedianta e se sujeitou a rudes provas, como a de ser encerrada em uma gaiola de ferro durante o transe, para provar a realidade dos variados fenômenos que ocorriam

através dela.

Além das materializações e da psicofonia, eram observados: dematerializações, transporte de objetos, tiptologia, levitação, escrita direta, além de projeção de luzes espirituais. A médium possuía também as faculdades de audiência, sonambulismo e desdobramento.

Os fenômenos foram fartamente documentados por testemunhas, com atas e fotos, estando à frente o maestro e compositor Ettore Bosio, figura de projeção na sociedade belemnense e entusiasmado divulgador. As materializações eram de variados espíritos e mais de um ao mesmo tempo. Certa feita, com incômodo abscesso na boca, a própria médium foi operada, em transe, pelo espírito materializado de um médico.

Extraordinário fenômeno foi registrado em 25 de janeiro de 1920. O Coronel Simplício Costa havia entregado ao espírito João, materializado, algumas flores. Estas lhe foram devolvidas secas, pelo mesmo espírito, em outra sessão, quatorze meses após. Ana provocou também a germinação de sementes de eucalipto, em uma sessão que durou apenas trinta minutos. João, o espírito orientador dos fenômenos, materializado, produziu vários moldes de seus pés e mãos em parafina fervente, inclusive um de sua mão com os dedos fechados. O espírito Anita, uma menina de seus treze anos, sempre que se materializava, costumava produzir belíssimas flores em parafina.

Frederico Figner, figura importante da indústria fonográfica e espírita, destaque na sociedade do Rio de Janeiro, viajou até Belém, ele e sua esposa, no intuito de reverem sua adorada filha Rachel através da materialização. A saudade da jovem desencarnada levava-os até Ana Prado. Com a médium ausente, pois ela estava em Parintins em visita a familiares, o casal espe-

rou pacientemente até que retornasse. Porém, foram recompensados. As materializações de Rachel atingiram altíssima perfeição, dando-lhes o conforto esperado e provas cabais da imortalidade. A filha retornou, nas sessões, tal qual era para gáudio dos pais.

Depois de cinco anos de intensa produção mediúnica, inesperadamente Ana Prado regressou à vida espiritual. Um acidente em sua casa, com fogão a álcool produziu-lhe queimaduras fatais. O óbito foi registrado em 23 de abril de 1923. Sua morte foi amplamente noticiada em periódicos espíritas do Brasil e pela Revue Spirite. Ela teria apenas trinta e nove anos de idade.

Francisco Cândido Xavier a ela se referiu no programa Pinga-Fogo, da TV Tupi/SP, em 28 de julho de 1971, como a responsável por fenômenos de materialização dos mais legítimos.

Recentemente (2012) a FEB publicou mais um livro sobre a médium: ANNA PRADO – A MULHER QUE FALAVA COM OS MORTOS, autoria de Samuel Nunes Magalhães.

Fontes: FARIA, Nogueira de. O trabalho dos mortos (O livro do João). 6ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Internet, publicação da FEP;

